

Francisco das Chagas Barroso Uchôa¹
Vanderlene de Farias Lima²
Rogean Rodrigues Souza³

SWEET FOREST: Black Women, Terreiros and the Resistance

Resumo

O presente trabalho objetiva discutir os conceitos de território, negritude e empoderamento feminino na obra literária de Luciany Aparecida, *Mata Doce*, publicada em 2023. O texto perpassa por questões como conflitos de terras, pertencimento, tragédias e a resistência feminina. A narrativa se configura numa poética que atravessa os campos do simbólico, da subjetividade feminina, da circularidade do terreiro (GONZALES, 2018). Desta feita, esticamos a obra de Luciany Aparecida nas aulas de História com os alunos do 2º ano de Administração, numa escola de ensino profissionalizante no Estado do Ceará, refletindo sobre as trajetórias das personagens femininas, da simbologia do terreiro (*Mata Doce*) como arquétipo da resistência, e da espiritualidade afro-brasileira. Assim, essa ação pedagógica se materializou no tecimento de uma peça teatral, que a priori teve como percurso metodológico, a saber: a análise reflexiva da obra com alunos, dividida em três momentos de conversa. A produção escrita do roteiro e cenário, em dois encontros. E, por último, os ensaios e ajustes finais do cenário. A fabricação da peça, como a sua exposição no espaço da escola, alcança enquanto resultados uma didática que facilita, referencia e visibiliza os saberes afro-referenciados (PETIT, 2015). Além disso, promovendo uma provocação artística/simbólica representada nos traços das vestimentas, da música, do sangue ancestral, da tragédia e da morte. Considera-se que o teatro, e especialmente, teatralizar obras da Literatura Afro-Brasileira enraiza novos saberes, aprendizagens, formas de pensar/vivenciar as diferenças fundamentais para um ensino/aprendizagem antirracista.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Literatura. Teatro. Terreiros.

Abstract

This paper aims to discuss the concepts of territory, Black identity, and female empowerment in the literary work Mata Doce by Luciany Aparecida, published in 2023. The text addresses issues such as land conflicts, belonging, tragedies, and female resistance. The narrative unfolds through a poetics that traverses the realms of the symbolic, feminine subjectivity, and the circularity of the terreiro (GONZALES, 2018). In this context, we incorporated Luciany Aparecida's work into History classes with second-year Administration students at a professional education school in the state of Ceará, reflecting on the journeys of the female characters, the symbolism of the terreiro (Mata Doce) as an archetype of resistance, and Afro-Brazilian spirituality. Thus, this pedagogical action materialized in the creation of a theatrical play, which initially followed a methodological path consisting of: a reflexive analysis of the work with students, divided into three discussion sessions; the writing of the script and the design of the set, completed over two meetings; and finally, rehearsals and final adjustments to the set. The production and performance of the play within the school space resulted in a didactic approach that facilitates, references, and makes visible Afro-referenced knowledge (PETIT, 2015). Furthermore, it fostered an artistic-symbolic provocation represented through elements such as garments, music, ancestral blood, tragedy, and death. It is considered that theater and particularly the dramatization of works from Afro-Brazilian Literature roots new knowledge, learning processes, and ways of thinking and experiencing difference, all of which are fundamental for an anti-racist teaching-learning practice.

Keywords: Anti-Racist Education. Literature. Theater. Terreiros

1. Mestrando do ProfHistória – UESPI/UFRJ. Professor de História da EEEP Deputado José Maria Melo. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8115-5791>

2. Mestre em Sociologia (profsocio/uva), acadêmica de pedagogia (uab/uva). Professora de Sociologia na EEEP Deputado José Maria Melo.

3. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Coordenador escolar na EEEP Deputado José Maria Melo.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura destacar a necessidade de uma educação antirracista, pois, ao considerarmos que o circuito social brasileiro é pluriétnico e multicultural, não podemos apresentar aos bancos escolares, currículos homogêneos, essencialistas e unitários que valorizam apenas os aspectos da cultura dominante. Nosso objetivo neste texto é discutir as possibilidades de aprendizagem a partir de esquetes teatrais, com destaque para relação interdisciplinar entre literatura, arte e história. Esse texto é produto de uma ação desenvolvida numa Escola de Educação Profissional no interior do Estado do Ceará, precisamente, a EEEP Deputado José Maria Melo, em Guaraciaba do Norte. Na qual abordamos os conceitos de território, negritude e empoderamento feminino na obra literária de Luciany Aparecida, *Mata Doce*, publicada em 2023. O texto perpassa por questões como conflitos de terras, pertencimento, tragédias e a resistência feminina. A narrativa se configura numa poética que atravessa os campos do simbólico, da subjetividade feminina, da circularidade do terreiro (GONZALES, 2018).

Desta feita, é inegável a necessidade de uma educação antirracista nos espaços formais de educação, seja como mecanismo de enfrentamento do racismo à brasileira, para utilizarmos a expressão de Edward Telles (2003), seja como instrumento de construção positiva de identidades negras. Ademais, as ações pedagógicas que articulem os aportes narrativos da literatura e os elementos provocativos da linguagem teatral podem se configurar numa metodologia eficiente ao se trabalhar trajetórias individuais de pessoas negras e o contexto sócio-histórico vivido.

Para a efetivação de uma educação antirracista, essa a proposta dialoga com as proposições da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e culturas afro-brasileira e africanas na educação básica, e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no componente curricular de História, que enfatiza o estudo dos processos de formação das identidades sociais, culturais e históricas, assim como, propõe uma análise sócio-histórica dos diferentes grupos étnicos e sociais, especialmente aqueles marginalizados, como os afrodescendentes e indígenas (BRASIL, 2018). Apesar de mais de 20 anos do estabelecimento da lei 10.639/03, ainda persiste o desrespeito a sua aplicação no currículo escolar,

cristalizando um currículo monocultural caracterizados por epistemes eurocênticas, atreladas a uma ação pedagógica conteudista e desvinculada da diversidade cultural, social e intelectual brasileira.

O **racismo estrutural** e estruturante da sociedade brasileira, permeia o cotidiano escolar, fato fartamente demonstrado na literatura científica sobre o tema (SANTOS, 1984; MUNANGA, 2005; FONSECA, 2016). Ainda assim, quando debatemos com nossos alunos sobre nossas práticas consciente/inconscientes de racismo, não as reconhecemos como atitudes violentas, mas sim brincadeiras e "piadas inofensivas", perpetuando ativamente o racismo como prática escolar. Nesse cenário, o desafio para uma educação antirracista e das relações étnico-raciais no ensino médio requer uma proposta pedagógica interdisciplinar, além de uma proposição epistemológica, que valorize os saberes e conhecimentos de sujeitos não-europeus.

Nesse viés, a esquete teatral: **MATA DOCE**: Mulheres Negras, Terreiros e a Resistência teve no processo de criação os atravessamentos nas categorias caras ao pensamento social brasileiro, a saber: Gênero, Raça, Classe e Territorialidade. Nessa perspectiva, as/os alunas/os do 2º ano de Administração da EEEP Deputado José Maria Melo, turma na qual se desenvolveu o trabalho, tiveram na leitura e roteirização da obra de Luciany Aparecida a oportunidade de discutir tais temas numa proposição de protagonismo intelectual e artístico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste trabalho, propomos uma articulação dos conceitos de pedagogia interétnica, colonialidade do saber e educação para as relações étnico-raciais como necessários para uma educação antirracista que envolva a linguagem teatral e os aportes narrativos da literatura, contribuindo para o enfrentamento do racismo na escola.

O termo pedagogia interétnica foi cunhado em 1978 pelos sociólogos Roberto Santos e Manoel de Almeida Cruz (CRUZ, 1987). Reconhecendo o papel da escola na construção das relações étnico-raciais, a pedagogia interétnica estabelece uma proposta questionadora dos currículos escolares, práticas pedagógicas e do caráter neutro da escola diante dos problemas sociais.

Ao reconhecer que o Brasil é um país de "formação pluriétnica e multicultural" (CRUZ, 1987, p. 75), abre-se a possibilidade para um modelo epistemológico e didático que valorize a cultura, os valores, as epistemologias dos grupos sociais historicamente marginalizados, objetivando a emancipação de uma visão eurocentrada e racista.

A pedagogia interétnica estrutura-se em cinco aspectos (CRUZ, 1987). O aspecto histórico refere-se ao processo de formação histórica da sociedade brasileira, especificamente, como se construíram as definições de inferioridade e superioridade, relacionadas aos grupos étnicos. O aspecto culturalógico propõe o entendimento de que os valores simbólicos impostos pelos grupos dominantes aos dominados são construções sociais. O terceiro aspecto, o antropobiológico, debruça-se sobre a refutação das teorias pseudocientíficas de cunho biológico, que por décadas formataram as teses de inferioridade do povo negro. O quarto aspecto, o sociológico, refere-se ao entendimento do processo de marginalização histórica dos grupos étnicos não-brancos. O último aspecto, o psicológico, discute como são difundidas as teorias de superioridade e inferioridade no tecido social e como são interiorizadas pelos grupos etnicamente marginalizados.

Uma prática pedagógica que incorpore esses aspectos precisa considerar a si mesma e ao espaço escolar como não neutros e dotados de historicidades. A mobilização pedagógica que estabelece um atravessamento entre arte e literatura guarda a potencialidade de transitar entre estes aspectos, na medida em que tais narrativas/performance transitam entre as dimensões culturais, políticas, psicológicas e sociológicas, afetando identidades, a autoestima e a subjetividades dos grupos étnicos não brancos e brancos.

Pensemos, por exemplo, na narrativa literária de Conceição Evaristo. Dos vários fios condutores possíveis para narrar sua trajetória, a noção de escrevivência, concebida pela própria escritora para traduzir, em suas palavras, o "escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira" (LIMA, 2017, [s.p.]), se apresenta como uma possibilidade narrativa que permite articular as intersecções entre raça, gênero e intelectualidade no Brasil.

Não se trata de tomar a narrativa literária de Conceição Evaristo como um exemplo de "superação", bem ao gosto da branquitude, mas de fazer emergir espaços e

tempos múltiplos nos quais se inscrevem as categorias totalizantes e unificadoras que geralmente são os pontos de partida das biografias (mulher negra, escritora, por exemplo). Dessa forma, indivíduo e sociedade não se opõem e sim se (re)criam mutuamente. A escritora Conceição Evaristo emerge da trama de relações com outros indivíduos e como resultado de ações múltiplas, histórica e racialmente situadas.

Emergir a diferença na própria singularidade da trajetória é se contrapor à forma de narrar eurocentrada que atravessa os currículos escolares, não apenas invisibilizando as narrativas literárias negras, mas também colonizando o olhar sobre a própria forma de narrar. É neste sentido que uma educação antirracista merece também um olhar decolonial.

A noção de colonialidade do saber se refere à dimensão do saber/conhecimentos transmitidos historicamente como verdadeiros, inteligíveis, racionais e únicos (Oliveira; Candau, 2010), explicando assim o processo de marginalização histórica dos conhecimentos, epistemologias e saberes não europeus e não-brancos (Quijano, 2010).

As teorias, epistemologias e paradigmas educacionais vigentes são, em certa medida, produções europeias desvinculadas do contexto social não-europeu e não-branco. Para efetivarmos uma educação antirracista é necessário descolonizarmos os currículos, as práticas pedagógicas e os fundamentos epistemológicos educacionais, desnaturalizando conhecimentos e práticas tidos como verdadeiros, naturais e únicos. Além disso, esse olhar permite aos educadores a possibilidade de fomentar o saber não eurocentrado, pautado nas epistemologias e subjetividades dos subalternos.

É nesse sentido, por exemplo, que conhecer, estudar e produzir ações pedagógicas interdisciplinares, como a esquete aqui postulada nas tramas e fios da memória afetiva de Luciany Aparecida, permite aos estudantes e docentes, debater a condição subalterna, as questões conjunturais de mulheres negras, quilombolas, de classes populares, mas também as escolhas, as dificuldades e o porquê de sua literatura. Essas dimensões do subjetivo e a experiência de vida que fazem parte da autora possibilitam construir, através de sua narrativa, uma representação positiva, da população negra, bem como questionadora do *status quo* brasileiro.

Questionar a colonialidade do saber pode-nos apresentar possibilidades de interpretações divergentes das convencionalmente naturais, como modernidade e raça, bem como estabelecer diálogos com o legado intelectual, cultural e científico dos povos africanos e da população afro-brasileira. A linguagem teatral e literária realiza essa potência enquanto crítica da estrutura racial e social brasileira e da própria literatura nacional em favor da “construção de outros modos de viver, de poder e de saber” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

Esse horizonte não é possível sem a consideração das relações étnico-raciais que envolvem a multiplicidade formadora do Brasil. Historicamente, o ensino no Brasil baseou-se numa proposta pedagógica universalista e homogeneizante, negando as diversidades multiétnicas, identitárias, de gênero e raciais (FONSECA, 2016; CRUZ, 2005). As experiências escolares pretendem conceber uma ideia de aluno universal, excluindo as diferenças e os conflitos presentes nas relações escolares. A Educação para as Relações Étnico-Raciais propõe reavaliar como as instituições de ensino abordam a história, a existência e os valores da cultura afro-brasileira.

Uma ideia de escola – e seus sujeitos – sensíveis às relações étnico-raciais, exige uma proposta descolonização dos currículos escolares. Como afirma Nilma Lino Gomes (2012, p. 102), isto significa que, descolonizar os currículos, é promover a “ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o ‘falar’ sobre a questão afro-brasileira e africana”.

Este falar sobre o afro-brasileiro não é estereotipar as identidades e a história das populações negras, como comumente é feito nas escolas, reduzindo-se sua presença às datas específicas ou à folclorização, mas sim construir um posicionamento positivo da historicidade da história e da cultura afro-brasileira (GOMES, 2012; MUNANGA, 2006), consoante às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de

ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (BRASIL, 2004, p. 15).

Nesse tecimento, é oportuno destacar a reflexão de Sandra Petit, na qual define a Pretagogia como referencial teórico-metodológico, configurando-se nos afetos construídos e elaborados sob a perspectiva dos saberes, conceitos e conhecimentos, de matriz africana, o que significa dizer, para autora no entrelaçamento com o modo de ser e pensar filosófico da cosmovisão africana. Portanto, os saberes aforreferenciados no tecimento de uma educação antirracista são fundamentais para a elaboração de uma proposta pedagógica equitativa e democrática. Nesse sentido, Petit (2015, p. 24) afirma:

A educação para as relações étnico-raciais e a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana constituem-se em instrumentos políticos e pedagógicos que possibilitam a emergência dos saberes aforreferenciados na escola. Esses saberes propõem uma nova epistemologia, voltada para o reconhecimento das matrizes africanas na formação da sociedade brasileira, exigindo uma transformação nas práticas pedagógicas e nas relações sociais que se estabelecem no espaço escolar (PETIT, 2015, p.24).

Portanto, o trabalho com a linguagem teatral permitiu esticar as teias interdisciplinares entre História, Literatura e Arte. Assim contribuindo para experimentação efetiva e crítica do saber, além disso, povoaram o espaço da escola com um debate sobre temas caros para Ciências Humanas, tais como: o gênero, raça e classe social, marcadores que atravessam a escrita de Luciany Aparecida, como também a sua trajetória de vida de diversas mulheres negras.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Educação Profissional Deputado José Maria Melo (EEEP DPJM), situada no interior do estado do Ceará, durante o ano letivo de 2024. O objetivo da investigação concentrou-se na elaboração de uma esquete teatral roteirizada a partir da obra *Mata Doce* da escritora baiana Luciany Aparecida. O livro foi publicado em 2023 pela editora Alfaguara, tendo como o centro da sua narrativa, as encruzilhadas profundas entre as questões de identidade, resistência e pertencimento, inseridas num circuito social marcado por mulheres negras e suas relações com a espiritualidade afro-brasileira. Ademais, a autora elabora uma narrativa que contribui

para a denúncia da marginalização das culturas afro-brasileiras, além de provocar uma defesa da circularidade afro-brasileira e ancestral, frisando os elementos comunitários e afetivos.

Para tanto, a construção metodológica desse trabalho envolveu técnicas qualitativas, e do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa se configura como caráter exploratório e explicativo, na medida em que visa compreender os vetores explicativos/reflexivos da participação dos estudantes numa aprendizagem interdisciplinar marcada pelo protagonismo artístico e literário deles.

O cenário de desenvolvimento da pesquisa abrangeu a turma do segundo ano Administração da EEEP DPJM. A escolha da turma deveu-se a trajetória particular deles no trato e gosto pelas ações de caráter artístico. Desde 2023 foram desenvolvidas com essa equipe trabalhos artísticos tais como: exposições literárias, peças de teatro e instalações artísticas. Essa esquete, por exemplo, fez parte da apresentação da escola no projeto estadual: alunos que inspiram.

A ação se desenvolveu em três momentos, a saber: encontros iniciais na qual foram feitas leituras coletivas da obra, destacando os principais temas do texto possíveis de serem roteirizados. Além disso, os conceitos debatidos na obra tiveram como destaque uma análise contemporânea e social por parte do grupo, ou seja, territorialidade, religiosidade, gênero e africanidade foram as referências intelectuais mais provocativas a turma. Posteriormente a leitura coletiva, o segundo momento, foram definidas as responsabilidades de cada componente do grupo:

- **Roteiro:** dois alunos destinaram-se a leitura do texto e escrita preliminar do roteiro da peça. Após essa escrita preliminar o grupo debate coletivo e eram adicionadas pontos e correções necessárias.
- **Cenário:** três alunos foram responsáveis na construção do cenário. Nessa função, se destaca a habilidade do grupo em transpor artisticamente a narrativa literária.
- **Repertório musical:** dois alunos se envolveram na escolha da lista musical. Aqui se destacam a questão de ressaltar os elementos das afro-brasilidades

presentes no samba e nos ritmos das religiões de matriz afro.

- **Vestimentas:** Dois alunos tiveram a responsabilidade de coleta e escolha dos figurinos destacando a presença das cores marcantes nas religiões de matriz africana.

- **Atores:** nessa esquete tivemos a presença de 10 atores, a saber: oito meninas e dois meninos.

Destaca-se que as subdivisões destas atividades não descartaram a colaboração coletiva do grupo, isto é, a circularidade presente na construção da peça deu ênfase na coletivização do saber. O terceiro momento da ação pedagógica se configurou na apresentação da peça teatral em si, a mesma realizada em meados de maio de 2024 no auditório da escola. É oportuno destacar, que antes dessa apresentação foram realizados ensaios, que tiveram como supervisão do professor o olhar mais apurado e clínico sobre a performance dos alunos. Vale ressaltar, que durante os ensaios algumas adaptações do roteiro foram necessárias tais como: trocas de cenas e personagens e alterações nas músicas.

Portanto, a metodologia aqui aplicada, se configurou na definição das estabelecidas pela pedagogia interétnica que propõe uma ação questionadora dos currículos escolares, mas também das práticas pedagógicas ditas tradicionais, isto é, em resumo o trabalho com peças de teatro coloca os alunos num cenário de terem que pensar criticamente e se engajarem no artesanato de um produto contribuindo para uma valorização do trabalho coletivo, do imaginário e do pensamento artístico.

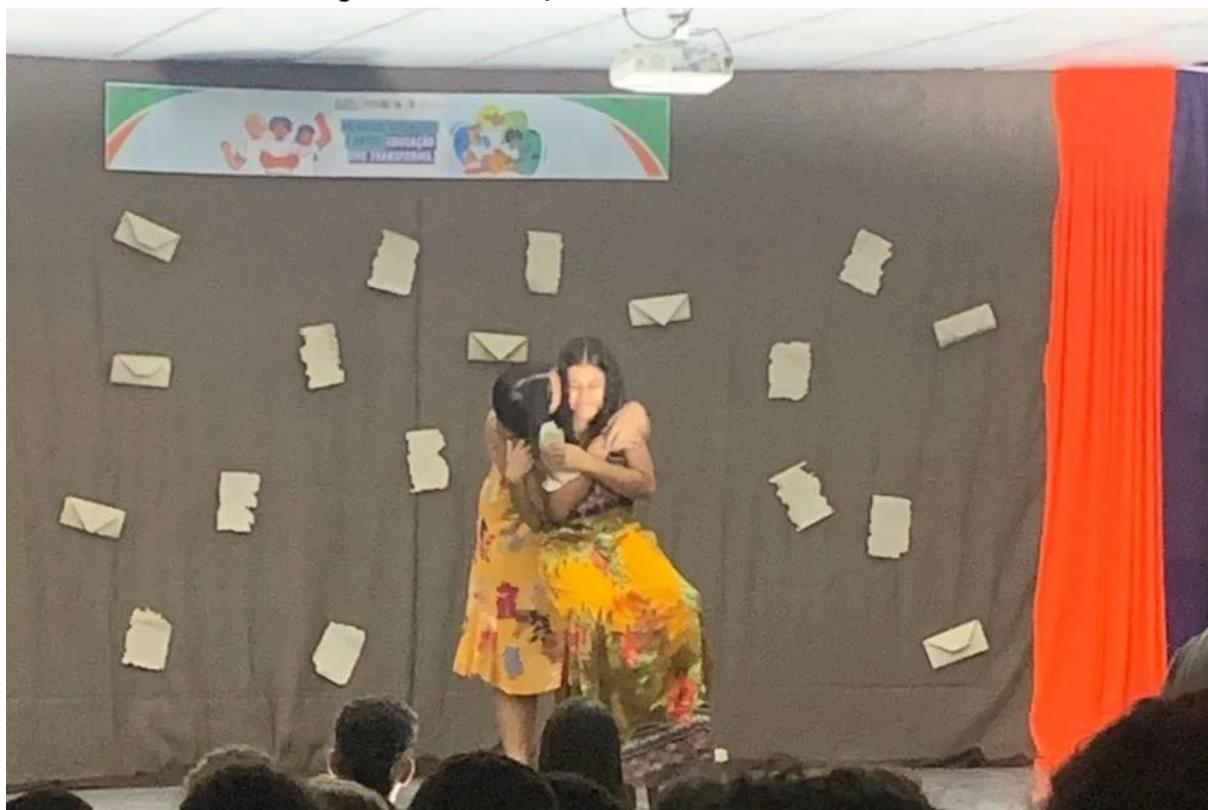
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A fabricação da peça, como a sua exposição no espaço da escola, alcança enquanto resultados uma didática que facilita, referência e visibiliza os saberes afro-referenciados (PETIT, 2015). Além disso, promovendo uma provocação artística/simbólica representada nos traços das vestimentas, da música, do sangue ancestral, da tragédia e da morte. A constituição do roteiro problematizou os aspectos que rizomaticamente atravessam a escrita de Luciany como já dito anteriormente.

O marcador de gênero⁴ é fundamental nessa trama, a saber: Mata Doce prioriza a constituição familiar da protagonista, Maria Teresa. A menina criada por um casal formado por Mariinha, uma mulher cis, e Tuninha, uma travesti. Nesse sentido, o debate sobre a descolonização das subjetividades tidas

como normativas passam a ser postulados pelos alunos na feitura do texto. Portanto, a Literatura Afro-Brasileira permite o enraizamento de novos saberes, aprendizagens e formas de pensar/vivenciar as diferenças fundamentais para um ensino-aprendizagem antirracista.

Figura 1 – cena 2 abraço entre Maria Teresa e sua Mariinha.



Fonte: autores (2024).

As questões de gênero na obra de Aparecida (2023) atravessam as dinâmicas das relações de poder, familiares e comunitárias. Essas questões inseridas no conceito de territorialidade e ancestralidade.

Mata Doce não é somente um lugar. É um arquétipo da resistência, da utopia, da vontade de viver. Mata Doce é uma história de fantasmas, ou antes, daquilo e daqueles que persistem em nós. Ou o contrário: uma história sobre a vida em toda a sua brutal oficina. Também é um lugar de mulheres, valentes, obstinadas, capazes de escrever sua própria história à revelia dos velhos donos do poder (Cena de abertura, roteiro de Mata Doce, 2024).

Na construção dessa cena, a narradora, uma entidade, para os roteiristas - Airá que no Candomblé um orixá, associado a fenômenos da natureza como o raio e ao vento - na obra de Luciany Aparecida, o rio Airá representa a ligação da comunidade com suas raízes, sua espiritualidade e sua resistência às violências impostas pelos donos do poder. Airá para os alunos foi o vetor investigativo e provocativo no entendimento da espiritualidade afro-brasileira. A peça provocou ao público a pensar as tradições afro-brasileiras e sua conexão com o sagrado, elementos que formadores da ancestralidade e das identidades dos personagens.

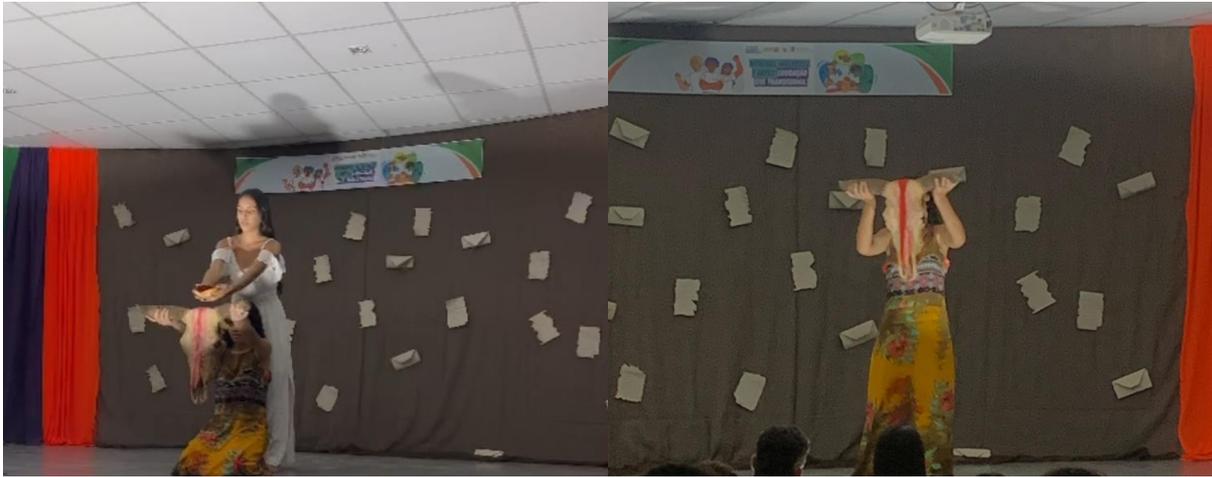
4. Compreendemos a categoria de gênero como histórica e linguisticamente construída. Partimos da definição clássica de Joan Scott na qual define esse marcador como "uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado". Assim sendo, o gênero fora explicado aos alunos e aprendidos no constructo da peça teatral como uma referência construída historicamente e normatizadora de papéis sociais.

Para Michel Foucault o biopoder seria o poder de “fazer viver e rejeitar a morte”.

Em *Mata Doce*, o biopoder está simbolizado nas relações de domínio e opressão imposta pelos supostos donos da terra. Biopoder que se ramifica na ideia de Biopolítica, ou seja, as epistemologias e narrativas políticas colonizadoras que tornam o território de

Mata Doce um lugar ser tomado. Todavia, onde há poder há resistência. É nesse cenário, que os alunos tiveram que construir um entendimento sobre essas relações de poder, particularmente nas entrelinhas dessas relações, nas manifestações mais sutis de resistência e empoderamento que estão presentes na obra de Luciany Aparecida.

Figura 2 – Maria Teresa levanta a cabeça do Boi ensanguentada como sinal de mudança da sua personalidade e nascimento de uma nova existência.



Fonte: autores (2024)

A representação acima articula a densidade poética da escrita de Luciany Aparecida com a performance provocativa da atriz. A cabeça do Boi ensanguentada sobre o rosto da personagem simboliza o ato de resistência a dor, a perda e a morte. Esses dilemas presentes no fazer literário da autora, que dialeticamente, transita entre brutalidade e delicadeza. Para Luciany Aparecida,

[...]esse desamparo, que é lidar com ausências e presenças. Por exemplo, se essa morte for o assassinato de uma pessoa amada, de um animal, a degradação ambiental alienada pela justificativa do consumo, quão terrível será conviver com a presença dos assassinos? E com as ausências amorosas? “Mata Doce” nasceu da reflexão sobre esses pensamentos (APARECIDA, 2023).

Além disso, na feitura da peça teatral, a performance corporal e sua estética contribuíram para o processo de aprendizagem artística, mas também de caráter filosófico. Para Petit, a dança e a performance corporal, na perspectiva afro-ancestral, “remete a uma visão circular do mundo, na qual início e fim se encontram, em eterna renovação” (PETIT, 2015, p.65). Por isso, para efetivação de uma prática educacional antirracista, é preciso criar condições que estabeleçam conexões

com as epistemologias, saberes, costumes e traços sociais afro-brasileiros e africanos que atravessem o campo da folclorização e crie oportunidades de pensar equitativamente sobre os esses temas. E o teatro possibilita colocar como sujeito da história, a narrativa dos subalternos a contrapelo de um currículo educacional ainda monocultural e eurocêntrico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pedagógico com a linguagem teatral, em uma perspectiva antirracista, questiona o saber eurocentrado, construindo com discentes e docentes um novo saber sobre as vidas em geral e sobre as vidas negras em particular, qual seja, de que as experiências de vida de todas as pessoas são marcadas por inovações na crítica social, pois as subjetividades, direitos, valores e conhecimento dos negros constituem-se argumentos chaves nas narrativas literárias, artísticas e cotidianas. Além disso, esse trabalho propõe em questão a luta pelos direitos a uma existência equitativa, escancara o racismo contemporâneo e, assim, propõe uma reflexão sobre a realidade brasileira.

Ademais, o trabalho escolar focado numa educação antirracista não deve ser reduzido à folclorização, tampouco a uma biografia da dor, igualmente redutora e totalizante das experiências afro-brasileiras. A proposta é fazer multiplicar a diferença, fazendo emergir as diversas vivências e experiências negras no Brasil. Para

tanto, teatralizar a literatura afro-brasileira produzidas pelos próprios discentes, pode subsidiar discussões em várias, das mais tradicionais, como resistência contra racismo e sexismo e intervenções no campo dos direitos humanos, e às diferentes produções de saber.

REFERÊNCIAS

APARECIDA, Luciany. **Mata doce**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2023.

APARECIDA, Luciany. Entrevista ao jornal Estado de Minas. https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/10/28/interna_pensar,1583289/autora-de-mata-doce-o-brasil-esta-fazendo-analise.shtml.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 abril. 2025.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

CRUZ, Manoel de Almeida. Pedagogia Interétnica. **Cad. Pesq.**, Salvador, n. 68, 1987. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1277>. Acesso em: 25 abril. 2025.

FONSECA, M. V. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

LIMA, Juliana Domingos de. Conceição Evaristo: Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. Entrevistada: Conceição Evaristo. **Nexo Jornal**, 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 24 abr. 2025.

MUNANGA, K. (Org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/02.pdf>. Acesso em: 24 abril. 2025.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e Tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-118.

SANTOS, R. **O que é Racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 28 abr. 2025.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003. 347 p.